

Mobilizando imagens como ponto de partida para descortinar o protagonismo das crianças na Festa em Kanã Mihay

Using images as a starting point to uncover the protagonism of children in the Kanã Mihay Festival

Carlos Caixeta de Queiroz

Universidade Estadual de Montes Claros -UNIMONTES
Montes Claros, Minas Gerais
carlos.queiroz@unimontes.br
<https://orcid.org/0009-0009-4128-4656>

Daniele do Carmo Brito Silva

Universidade Estadual de Montes Claros -UNIMONTES
Montes Claros, Minas Gerais
danieledocarmo23@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-4875-4876>

Fabiano José Alves de Souza

Universidade Estadual de Montes Claros -UNIMONTES
Montes Claros, Minas Gerais
fabiano.souza@unimontes.br
<https://orcid.org/0000-0001-7657-3196>

Jerinkinxá Ribeiro Máximo Pataxó

Universidade Estadual de Montes Claros -UNIMONTES
Montes Claros, Minas Gerais
jerinkinxap@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0007-1692-2113>

Nathália da Silva Pataro

Universidade Estadual de Montes Claros -UNIMONTES
Montes Claros, Minas Gerais
nathaliapataro@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-5804-4753>

Recebido em: 04 de fevereiro de 2025

Aceito em: 04 de abril de 2025

Resumo:

Este ensaio fotográfico é resultado de vários encontros etnográficos com os indígenas Pataxó na Aldeia Kanã Mihay. Explora a relação entre imagem e cultura, entre etnografia e antropologia visual. Pretende-se mostrar as potencialidades das imagens para ver detrás delas um processo de reelaboração de políticas culturais dos povos indígenas contra os vários apagamentos forçados da identidade cultural, inerente aos contextos de cultura do contato. A fotografia como uma expressão de políticas culturais identitárias expõe memórias, histórias, relações, ancestralidade, indigenização, saberes e práticas, canções, pinturas, mitos que são transmitidos como forma de fortalecimento da cultura indígena. As fotos inseridas aqui retratam a participação das crianças na festa, comemorada anualmente como forma de circulação de saberes e um modo de organização política.

Palavras-chave: Etnografia; Imagens; Crianças; Festa; Circulação de saberes.

Abstract:

This photo essay is the result of several ethnographic encounters with the Pataxó indigenous people. Explores the relationship between image and culture, between ethnography and visual anthropology. The aim is to show the potential of images to see behind them a process of re-elaboration of cultural policies of indigenous peoples against the various forced erasures of cultural identity, inherent to contact culture contexts. Photography as an expression of cultural identity policies exposes memories, stories, relationships, ancestry, indigenization, knowledge and practices, songs, paintings, myths that are transmitted as a way of strengthening indigenous culture. The photos included here portray the children's participation in the festival, celebrated annually as a way of circulating indigenous knowledge and practices.

Keywords: Ethnography; Visual Anthropology; Children; Party; Circulation of knowledge.

Introdução

Os Pataxó são um povo do tronco Macro-Jê, da família linguística Maxakali, englobando os hã-hã-hãe e os Maxakali (Melatti, 2007). Originariamente ocupando o extremo sul da Bahia, são bastante conhecidos pelas suas migrações. Esta característica do grupo é destacada por pesquisadoras como Carvalho (1977), Torretta (1998), Souza(2025) entre outros. A Aldeia Barra Velha (BA) é reconhecida pelos Pataxó como “aldeia mãe” ou “aldeia velha”, constituindo grande valor simbólico para a identidade étnica Pataxó. A chegada de um dos grupos da etnia Pataxó ao Estado de Minas Gerais resulta de diversos fatores históricos, dentre os mais importantes citamos o famigerado “Fogo de 51” assinalado por ações truculentas que incendiou diversas aldeias, afugentando a nação Pataxó, visando “civilizar” a ocupação territorial da região (Pataxó, 2002). O segundo fato refere-se à transformação do território tradicionalmente ocupado pelos Pataxó em parque nacional, o chamado Parque Nacional do Monte Pascoal, reduzindo drasticamente seu território (Assis, 2004).

Como se não bastasse esta saga de sofrimentos em consequência da violência vivida em seu território tradicional no sul da Bahia, a chegada à Fazenda Guarani, na cidade de Carmésia (MG), não poupou os Pataxó de menos infortúnios. Importante frisar que antes da chegada dos Pataxó à Fazenda Guarani, esta funcionou como uma colônia penal para indígenas de diversas etnias, inclusive Pataxó (Marcato, 1979). Para maiores aprofundamentos da trama histórica da Fazenda Guarani, na condição de um reformatório indígena sugerimos a leitura de Souza (2015), Queiroz (1999), Marcato (1979).

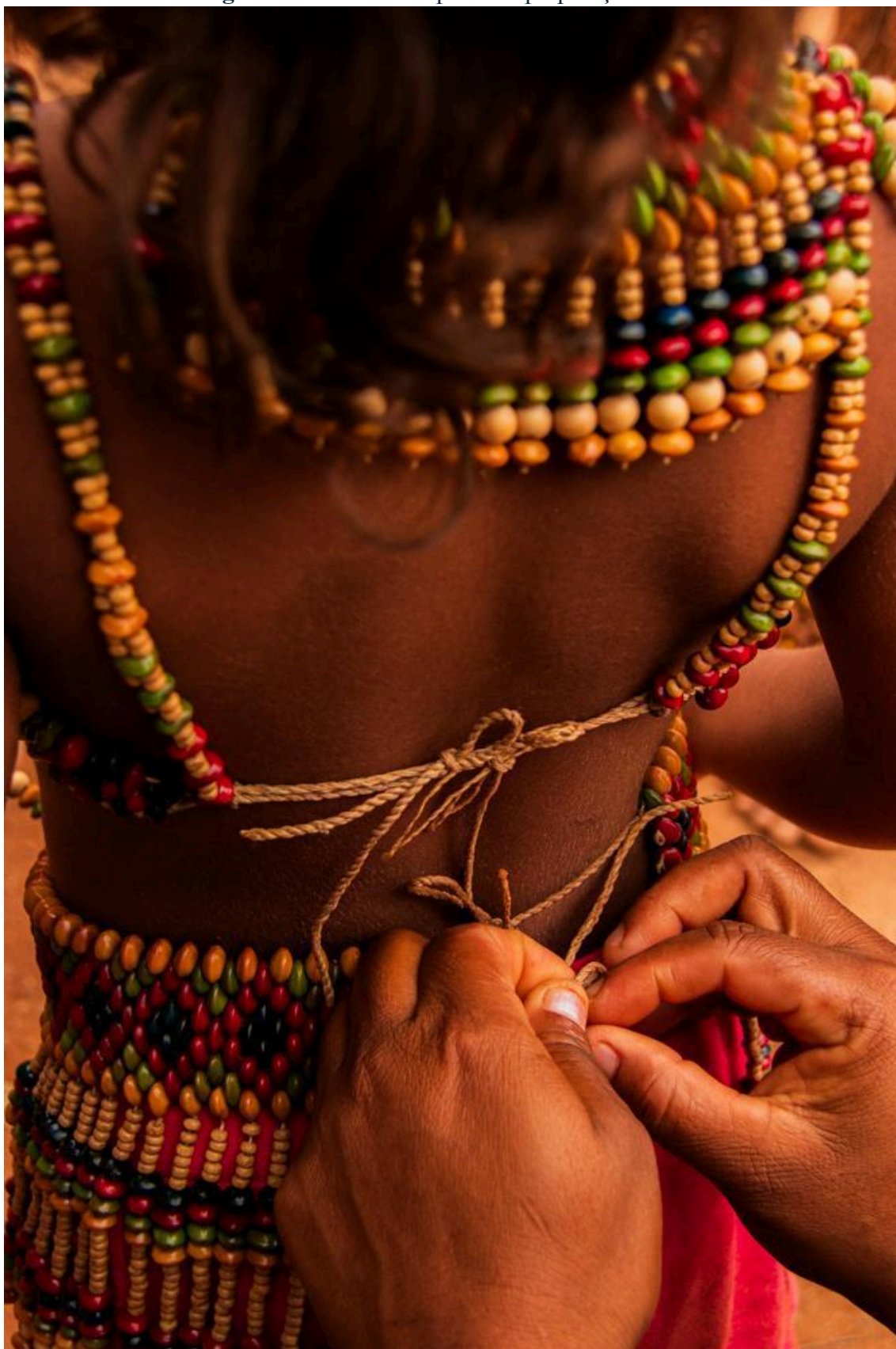
Após longos anos de colonização, que marcou de forma significativa os modos de vida indígenas, como desterritorialização forçada e políticas de assimilação pela transformação de tradições culturais, os Pataxó vêm se mobilizando para reelaborarem suas culturas e práticas tradicionais em várias direções estratégicas. Uma dessas estratégias é a incorporação de políticas culturais indígenas para produzir efeitos de afirmação étnica. Neste sentido, vale destacar os processos de retomada da língua, através de uma política linguística Pataxó (Bomfim, 2012).

Atualmente, a composição atual da Fazenda Guarani é predominantemente Pataxó, com alguns eventuais casamentos com Pankararu, Krenak e Tuxá. Com uma população com um crescimento acentuado, os Pataxó encontram-se organizados em

quatro aldeias distintas, (Aldeia Sede, Aldeia Encontros das águas, Aldeia Imbiruçu e Aldeia Kãñã Mihay).

O presente trabalho tem como foco a Aldeia Kanã Mihay. A comunidade indígena é composta, atualmente, por 25 grupos domésticos, compondo duas famílias extensas, relacionadas entre si por casamentos. Essa aldeia foi “levantada” recentemente, mais precisamente no ano de 2019. No entanto, a comunidade possui uma longa vivência de processos históricos de desterritorialização e/ou movimentos migratórios. A partir da data do seu surgimento, seus/suas integrantes vêm continuamente ampliando a rede de parentesco, construindo novas casas para moradia, abrindo roças de cultivo, bem como reivindicando junto às instituições governamentais seus direitos enquanto povo indígena. A partir das narrativas/memórias indígenas sobre seu território, entendendo território como uma forma de reafirmação étnica e cultural, foi possível perceber como a comunidade indígena produziu um amplo processo de afirmação de suas cosmologias relacionadas à terra, crenças, mitos, religiosidades, arte/artesanato e festas.

Fotografia 1: Adorno corporal na preparação da festa.



Fonte: Nathalia Pataro, 2024.

Fotografia 2: Crianças com adornos para a festa



Fonte: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 3: Criança Pataxó em sua indumentária típica para a festa.



Fonte: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 4: Criança Pataxó pousando para a foto depois da pintura corporal.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 5: Menina Pataxó e sua pintura



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

O uso das festas como modos de afirmação cultural

As festas constituem um dos principais eventos de reafirmação das tradições culturais Pataxó em Minas Gerais. Sem exceção, todas as aldeias da Reserva Fazenda Guarani realizam anualmente suas festas com expressiva singularidade cultural. Rituais como casamentos, batizados, busca do Pai da Mata, Jogos Indígenas, Contações de história representam um locus das tradições indígenas pataxó. Em geral, os participantes das festas compõem um público muito diverso, não restrito apenas aos indígenas, estendendo-se aos moradores das cidades que fazem limite com a Reserva Fazenda Guarani, bem como estudantes de escolas públicas, visitantes e pesquisadores diversos.

Tais manifestações festivas, pelos vínculos sociais que estabelecem, produzem uma imagem multiforme da vida coletiva, onde a dramatização e a estetização das relações sociais nos remetem a diferentes modos de existência social. Durante os dias de festa em Kanã Mihay, era possível identificar a euforia e a efervescência coletiva que a manifestação festiva produzia.

Fotografia 6: Crianças Pataxó observando o início dos jogos indígenas.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 7: Aprendendo com a educação da atenção as habilidades do arco e flecha.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 8: Menina observando as habilidades do seu pai com arco e flecha



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 9: Em brincadeiras infantis durante a festa.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 10: Crianças brincando no chão da aldeia.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 11: Descansando no chão da aldeia próximo a roda do Awé¹.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Esse ensaio é fruto da nossa experiência etnográfica na festa da Aldeia Kanã Mihay, realizada nos dias 10, 11 e 12 de maio de 2024, o que nos possibilitou uma imersão no cotidiano da aldeia. Nessa imersão foi possível identificar a centralidade da festa para o fortalecimento da organização da comunidade indígena.

Conduzidos por Jerinkinxá Pataxó, os registros fotográficos, realizados durante a festa buscam destacar a participação das crianças da aldeia, com o propósito de problematizar os prováveis rendimentos que uma etnografia, atenta às crianças indígenas, podem oferecer. Diversas pesquisas recentes em antropologia social estão desvendando a importância de se incluir as crianças no foco das pesquisas, bem como consolidando um campo fértil para a reflexão antropológica (Cohn, 2000; Lecznieski, 2005; Pires, 2007; Codonho, 2007).

¹ Awé: ritual característico desempenhado pelos Pataxó nas festas, que envolve danças ritmadas e canções na língua pataxó.

Fotografia 12: Brincando com seu companheiro fiel.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Valendo-se dos registros imagéticos, destacamos as fortes impressões que as crianças Pataxó imprimiram em nossas vivências na aldeia. Através delas, na condição de interlocutores privilegiados, nos revelaram um conhecimento tradicional que, costumeiramente, são guardados e acionados pelos mais velhos. Além disso, foram através delas que ocorreram as excursões pela mata, as visitas aos parentes, aos cantos noturnos a beira da fogueira, as conversas sobre temas diversos, sempre de forma alegre e informal. Essa forma acolhedora pela qual as crianças nos recebem em seus ambientes, talvez não seja apenas um modo de acolhimento, mas também um forma de conhecer o outro. Compreendemos que é preciso descortinar, a partir desta afirmativa, o reconhecimento das habilidades destas crianças, sobretudo em formular uma explicação para a presença de um “estranho”, “um outro” em seus espaços.

Fotografia 13: Mãe e filho observando as competições indígenas



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 14: Mulheres Pataxó.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 15: Afetos entre primas.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 16: Relações de cuidado entre primas.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Ao buscar uma nova forma de perceber os espaços indígenas, compactuamos com alguns autores sobre as potencialidades do uso das imagens como formas de narrativa de caráter etnográfico-antropológico (Novaes, 2012, 2014; Samain, 1995; Godolphin, 1995).

As imagens fotográficas e/ou filmicas sempre foram utilizadas pela antropologia desde seus primeiros olhares depois dos primeiros contatos (Jordan, 1995). No entanto, o uso de imagens como forma de representação sempre foi marcado por enormes desafios, que desestabilizaram a pretensão de objetividade da antropologia. Os detratores do uso da imagem na antropologia balizaram seus argumentos nas insuficiências das imagens como forma alternativa do registro ou da escrita etnográfica. Argumentavam, sobretudo, que as imagens eram polissêmicas, ou seja, portadoras de vários sentidos. Não se tratava de ingenuidade em defender que a imagem não é a realidade, mas de se construir uma legitimidade discursiva a partir de imagens. Esteve, portanto, sempre em debate se a imagem por si só garantiria uma representação do real ou se ela seria sempre complementar à narrativa escrita ou verbal.

No entanto, uma das questões centrais que permeava as controvérsias sobre o uso ou apropriação das imagens como estratégias narrativas era que se deveria superar o recurso imagético como forma de simples documentação ou ilustração da linguagem escrita ou verbal.

Ao destacar as potencialidades das imagens, os “antropólogos da imagem” ou da antropologia visual têm enfatizado uma nova forma de escrita etnográfica e de fazer trabalho de campo, uma nova política e ética de fazer antropologia. Os usos da imagem possibilitariam uma pesquisa-escrita etnográfica engajada ou compromissada com os outros sujeitos da pesquisa e conhecimento. O olhar diferido e a antropologia compartilhada formariam uma prática e política da antropologia. Possibilitaria um “pacto etnográfico” como condição ética do discurso antropológico ao levar a sério os regimes de conhecimento dos sujeitos de pesquisa.

Nosso propósito, com as imagens das crianças durante a festa, visa oferecer ao pensamento o argumento de que as crianças, longe de simplesmente espelharem a comunidade a que pertencem, elas refletem acerca de sua própria comunidade e que não se deve desprezar a rica interlocução que as crianças, através de suas experiências, vivências e formulações, oportunizam.

Fotografia 17: Final de festa voltando para casa.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Fotografia 18: Final de Festa.



Fontes: Nathália Pataro, 2024.

Referências bibliográficas

ASSIS, Luís Guilherme Resende. *A produção de instrumentos de mediação de conflitos socioambientais: o caso da sobreposição entre o território tradicionalmente ocupado pelos Pataxós do Monte Pascoal e o Parque Nacional do Monte Pascoal*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

BOMFIM, Anari Braz. Patxohã, língua de guerreiro: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Salvador, UFBA, 2012.

CARVALHO, Maria Rosário G. de. *Os Pataxó de Barra Velha: Seu Subsistema Econômico*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

CODONHO, Camila. *Aprendendo entre pares: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2007.

GODOLPHIN, Nuno. “*A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto recurso narrativo*”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

JORDAN, Pierre. “*Primeiros contatos, primeiros olhares*”. In Cadernos de Antropologia e Imagem nº 1, Rio de Janeiro, UERJ, 1995.

LECZNIESKI, Lisiane. *Estranhos Laços: predação e cuidado entre os Kadiwéu*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2005.

MARCATO, Sônia de Almeida. *A repressão contra os Botocudos em Minas Gerais*. Boletim do Museu do Índio. Série Etno-História. N. 1. Brasília: FUNAI/Ministério do Interior. Maio, 1979.

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

NOVAES, Sylvia Caiuby. “*A construção de imagem na pesquisa de campo em antropologia*”. In: IluMinuras, Porto Alegre, v.13, n.31, p.11-29, jul./dez. 2012

NOVAES, Sylvia Caiuby. “*O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia*”, Cadernos de Arte e Antropologia [Online], Vol. 3, No 2 | 2014, posto online no dia 01 outubro 2014.

PATAXÓ, Kanatyo [et al.]. *O Povo Pataxó e suas histórias*. 6. ed. São Paulo: Global, 2002.

PATAXÓ, Apinaera; PATAXÓ, Txarú. *Território e Cultura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

PIRES, Flávia Ferreira. *Quem tem medo de mal-assombro?* Religião e infância no semi-árido nordestino. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

QUEIROZ, Carlos Caixeta. *Punição e etnicidade: estudo de uma “Colônia Penal Indígena”*. 137f. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura). Departamento de Sociologia e Antropologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

QUEIROZ, Carlos Caixeta; SOUZA, Fabiano J. A. *Depoimento sobre antropologia dos Gerais: entre Pataxó, Krenak e Xakriabá*. In. Organização: Candice VIDAL E SOUZA, Candice & ECKERT, Cornélia. 70 anos Reunião Brasileira de Antropologia (1953-2023). 2024.

SAMAIN, Etienne. “*As imagens não são bolas de sinuca*.” In.: SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2012.

SAIMAIN, Etienne. “*Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia*”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SANTOS, Adreano Pinheiro dos. O deslocamento dos Pataxó para Minas Gerais: formação da aldeia Imbiruçu, dentro da terra indígena Fazenda Guarani. TCC (Licenciatura em Formação Intercultural para educadores indígenas). FAE/UFMG, 2020.

SOUZA, Fabiano J. A. *Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas*: descortinando o movimento das puxadas de rama. 2015. 271 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SOUZA, Fabiano J. A. (2024). *Entre mundos esgotados, territórios encantados e seres outros-que-humanos*: abordando diferentes aprendizados com os Pataxó. Argumentos - Revista Do Departamento De Ciências Sociais Da Unimontes, 21(1), 61–80.

TORRETTA, Oscar. *Doenças e Saúde*: Duas Pesquisas Médico-Antropológicas Entre as Comunidades Pataxó e Maxacali de Minas Gerais. Dissertação. Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 1998.